

A Guerra de Putin



Ataque russo mata 35 em base militar e leva guerra à fronteira com Polônia

— Um dia depois de alertar que comboios ocidentais seriam alvos legítimos, Rússia bombardeia centro usado para treinamento de soldados estrangeiros no oeste da Ucrânia

MUKACHEVO, UCRÂNIA

A Rússia destruiu ontem a base ucraniana de Yavoriv, na região de Lviv, a 25 quilômetros da fronteira com a Polônia — um país-membro da Otan. Segundo autoridades locais, a ação matou 35 pessoas e deixou 134 feridos. O local era usado como centro de treinamento de soldados estrangeiros. No sábado, a Rússia já havia ameaçado bombardear remessas de armas e mercenários que atuam dentro da Ucrânia.

O que preocupa, no entanto, é o fato de a guerra ter chegado tão próxima das fronteiras de um membro da Otan, ampliando o risco de a aliança atlântica se envolver diretamente no conflito — o Artigo 5.º da Carta da Otan fala que um ataque contra um aliado é considerado um ataque contra todos.

O Ministério da Defesa russo confirmou o ataque e disse ter matado 180 “mercenários estrangeiros” em Yavoriv e em outra instalação na cidade de Staritchi, também próxima à

fronteira polonesa. “Até 180 mercenários e um grande número de armas estrangeiras foram eliminados”, disse o porta-voz do ministério, Igor Konashenkov, acrescentando que as forças russas continuarão atacando esses alvos, considerados legítimos por Moscou.

A base de Yavoriv era um elo vital no fluxo de armas enviadas pelos países da Otan para a Ucrânia. A Polônia tem sido o principal ponto de passagem de carregamentos de armas, de refugiados que fogem para países da União Europeia e de estrangeiros que viajam para a Ucrânia para lutar ao lado do Exército local contra a Rússia.

ESTRANGEIROS. “Infelizmente, perdemos heróis”, disse o governador de Lviv, Maksim Kozitski, em comunicado. O ministro da Defesa da Ucrânia, Oleksii Reznikov, confirmou que instrutores militares estrangeiros atuavam na base de Yavoriv.

De acordo com o *New York Times*, instrutores militares

RÚSSIA AMPLIA BOMBARDEIOS

No 18º dia da invasão da Ucrânia, Rússia ataca base perto da fronteira com a Polónia



da Guarda Nacional da Flórida treinavam soldados ucranianos na base de Yavoriv. Eles deixaram a Ucrânia em fe-

vereiro, por ordem do Pentágono, antes de a guerra começar. A Otan garantiu que não havia nenhuma equipe sua no

local. Nas primeiras horas após o bombardeio, não havia informações sobre quantos soldados estavam na base e se havia estrangeiros entre as vítimas.

CRIMES DE GUERRA. Ontem, na cidade portuária de Mykolaiv, no sul da Ucrânia, um ataque aéreo matou nove civis, segundo o governador da região, Vitali Kim. A ONU disse que pelo menos 596 civis morreram desde que a invasão russa começou, em 24 de fevereiro, incluindo 43 crianças. O número real de mortos, segundo a própria organização, é muito maior.

Na cidade ucraniana de Popasna, perto de Luhansk, no leste do país, a comissão de direitos humanos do Parlamento da Ucrânia, Liudmila Denisova, acusou a Rússia de usar munições de fósforo branco em um ataque noturno, chamando o ocorrido de “crime de guerra”. As agências de notícias não conseguiram verificar a veracidade da afirmação.

● REUTERS, NYT, WP e AP

Poloneses revivem com ucranianos o mesmo drama de 1939

ANÁLISE

FARAH STOCKMAN THE NEW YORK TIMES

O polonês conhece a dor de ser invadido. Foi o que me disse Susan Grey, uma cantora de ópera, enquanto entregava guisado quente para refugiados ucranianos em uma barraca perto da fronteira com a Polónia, no início de março. Ela tinha planejado esquiar, mas veio para cá, em vez disso. “Estávamos na mesma situação em 1939”, disse ela, referindo-se à 2.ª Guerra. “Não tivemos a chance de sermos bem recebidos. Não tínhamos para onde ir.”

Parece que toda a Polónia se uniu ao esforço para acolher

os refugiados ucranianos. Desenvolvedores de software e executivos tiraram folga do trabalho para levar suprimentos até a fronteira. Hotéis em Varsóvia estão oferecendo quartos grátis. Cerca de 90% dos poloneses dizem que a Polónia deveria abrir suas portas para os refugiados.

MUDANÇA. É um contraste impressionante com 2015, quando o próprio papa não conseguiu convencer a Polónia a aceitar sírios fugindo da guerra civil. Há pouco mais de três meses, a polícia polonesa disparou canhões de água contra iraquianos e sírios para empurrá-los de volta para Belarus.

Agora é diferente, dizem os poloneses. “Os ucranianos são vizinhos. Eles são cristãos. Eles são companheiros esla-

vos”. Mas isso não é tudo.

Antes da guerra, os ucranianos enfrentavam discriminação e desrespeito na Polónia, onde tendem a trabalhar em subempregos, dirigindo táxis ou colhendo maçãs. Agora, a bandeira ucraniana tremula na Câmara Municipal de Varsóvia e o hino ucraniano ressoa da Basílica de Santa Maria, em Cracóvia.

“Pelo jeito que os poloneses estão agindo, parece que somos irmãos e irmãs”, disse o ucraniano Oleksandr Romashchenko, que segurava um cartaz de protesto do lado de fora da embaixada dos EUA, em Varsóvia. Ele se mudou de Kiev há alguns anos, seguindo a mulher, que conseguiu um emprego na Polónia. Romashchenko nem sempre se sentiu bem-vindo. “Mas os verdadeiros amigos se conhecem em tempos difíceis”, disse.

AMEAÇAS. A crise atual está se tornando a maior catástrofe humanitária na Europa desde a 2.ª Guerra, e a Polónia abriu os braços para os refugiados porque eles não estão fugindo

de uma guerra civil em uma terra distante. Eles estão fugindo de uma invasão — e bem ao lado.

Durante anos, a Polónia vinha alertando para a ameaça russa, enquanto outros países, como a Alemanha, continuaram fazendo negócios com Moscou. Agora não adianta dizer: “Eu avisei”. A única coisa a fazer é se preparar para o tsunami de sofrimento humano que se aproxima.

Nervosismo Em caso de derrota da Ucrânia, o temor na Polónia é que o país seja a próxima vítima da Rússia

Por enquanto, o cotidiano em Varsóvia continua como antes. As pessoas pegam suas roupas na lavanderia, compram flores, checam as notícias com nervosismo. Uma professora de arte, que passou sua juventude atrás da Cortina de Ferro, na Polónia, disse que o povo polonês entende a natureza da ameaça russa melhor

do que a Europa Ocidental.

Enquanto assiste o impensável desenrolar na Ucrânia, ela se pergunta se algo assim pode acontecer também na Polónia. “Não estamos em pânico, mas estamos em pânico”, afirmou.

PROXIMIDADE. Em nenhum lugar a conexão entre Ucrânia e Polónia é mais aparente do que em Ustrzyki Dolne, uma vila polonesa que foi engolida pela União Soviética em 1939. Se não fosse uma troca de terras, em 1951, seus moradores seriam hoje ucranianos. Bartosz Romowicz, o prefeito de Ustrzyki Dolne, acompanha o conflito com nervosismo.

É um ponto pacífico, na Polónia, que a Ucrânia tem de vencer a guerra, mesmo contra todas as probabilidades. Em caso de derrota, o temor é de que Vladimir Putin amplie suas operações militares e o país também seja ocupado ou veja aparecer uma insurgência violenta em suas fronteiras. ●

É JORNALISTA E COLUNISTA DO 'NEW YORK TIMES'



Diplomatas de Rússia e Ucrânia se dizem perto de 'posição conjunta'



ARIS MESSINIS/AFP

Militares ucranianos carregam corpo de soldado nas ruas de Irpin, nos arredores de Kiev; luta contra tropas russas se intensifica na capital

Acordo mínimo pode ser assinado em questão de dias, após avanços obtidos em negociações realizadas no fim de semana

MOSCOU

Após 18 dias de guerra, um acordo mínimo entre russos e ucranianos parecia mais próximo ontem. Um representante russo, Leonid Slutski, chefe da Comissão de Assuntos Internacionais do Parlamento da Rússia, disse que as negociações avançaram e uma "posição conjunta" deveria sair em breve. "Esse progresso pode se tornar nos próximos dias uma posição conjunta, em documen-

tos para assinatura", afirmou Slutski.

Mykhailo Podolyak, negociador ucraniano, também demonstrou otimismo e disse que resultados podem ser alcançados em questão de dias. "Não vamos ceder, em princípio, em nenhuma posição. A Rússia agora entende isso e já começa a falar de forma construtiva. Acho que alcançaremos alguns resultados em questão de dias", afirmou.

MUDANÇA. O possível avanço no campo diplomático também foi corroborado pela vice-secretária de Estado dos EUA, Wendy Sherman – a número dois da diplomacia americana. Em entrevista ontem ao programa *Fox News Sunday*, ela disse que, pela primeira vez, diplo-

Jornalista americano morre em ataque nos arredores de Kiev

A polícia de Kiev informou ontem que Brent Renaud, jornalista americano, foi morto em Irpin, nos arredores da capital ucraniana. Renaud foi jornalista do "New York Times", mas estava na Ucrânia para cobrir a crise dos refugiados para a revista "Time".

Andrey Nebitov, chefe da polícia de Kiev, compartilhou nas redes sociais uma imagem do corpo de Renaud, crachá e passaporte. Outro repórter, Juan Arredondo, ficou ferido no ataque. Em vídeo gravado no hospital, Arredondo disse que ele e Renaud estavam em Irpin para registrar a fuga de ucranianos e foram atacados após passarem por um posto de controle. ● AP

matas russos começaram a demonstrar disposição de ter "negociações reais e sérias" para acabar com a guerra na Ucrânia. De acordo com Sherman, a mudança de atitude, em parte,

ocorreu em razão das sanções internacionais impostas à economia da Rússia nas últimas semanas. A diplomata, no entanto, foi cautelosa sobre o fim das ações militares e advertiu

que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, não pretende suspender suas operações na Ucrânia. "A pressão sobre Putin está começando a surtir algum efeito. Estamos vendo alguns sinais de negociações sérias e reais. Mas devo dizer que, até agora, parece que ele pretende destruir a Ucrânia", disse Sherman.

Apesar de nenhum dos dois lados ter indicado qual seria o tamanho do avanço ou o que pode ser um acordo, as declarações, que ocorreram basicamente ao mesmo tempo, são os balanços mais otimistas até agora das negociações, que até então não haviam apresentado nenhum resultado concreto.

Em entrevista no sábado, o

Guerra sem fim Mesmo com um possível acordo, Putin ainda não pretende suspender operações na Ucrânia

presidente ucraniano, Volodymyr Zelenski, já havia revelado mudanças significativas nas negociações entre Ucrânia e Rússia, afirmando "estar feliz" por perceber "passos positivos" nas últimas conversas entre diplomatas dos dois países.

"A Federação Russa nos deu ultimatos desde o início que não aceitamos" disse Zelenski. "Agora, eles começaram a falar sobre alguma coisa, não apenas lançando ultimatos. É um enfoque fundamentalmente diferente."

PRESSÃO. Ontem, em uma nova tentativa de aumentar a pressão sobre a Rússia, Zelenski pediu que Microsoft, Oracle e SAP parem de oferecer suporte a seus contratos e produtos no país. A Microsoft já havia parado de aceitar novos clientes, mas Zelenski disse que medidas como essa eram insuficientes, já que não afetavam as relações comerciais com os consumidores antigos. ● NYT, REUTERS e WP

Russos buscam formas alternativas para fugir do país

MOSCOU

Fugir da Rússia se tornou uma tarefa complicada nas últimas semanas. No entanto, apesar da falta de recursos – dinheiro bloqueado nos bancos, cartões de créditos que não funcionam mais e passagens aéreas com preços exorbitantes –, muitos conseguem driblar os problemas e deixar o país.

No fim de semana, milhares de russos correram para as estações de trem, deixando para trás um país cada vez mais iso-

lado do restante do mundo e um governo cada vez mais preocupado em reprimir a dissidência. A maioria sequer se preocupou em comprar uma passagem de volta.

Mas as opções para quem quer sair são poucas. Quase todas as companhias aéreas suspenderam seus voos entre a Rússia e a Europa na última semana, após o pacote de sanções internacionais e medidas de retaliação por parte de autoridades russas.

Por isso, a porta de saída mais segura e barata dos russos virou Belgrado, pelo me-

nos para quem quiser fugir pelo aeroporto. A Sérvia não faz parte da União Europeia e se recusou a adotar sanções con-

Porta de saída Sanções internacionais limitaram a possibilidade de fuga para os russos que querem fugir do país

tra a Rússia. Seus aviões, portanto, estão livres para cruzar o espaço aéreo europeu. Nos últimos dias, a Air Serbia dobrou o número voos entre

Moscou e Belgrado – agora são 15 por semana.

O fluxo cresceu 50% na primeira semana de março, em comparação com o período anterior à guerra. No aeroporto da capital sérvia, a russa Natalia Gryzunova se esforçava para carregar duas malas gigantes e três malas de mão. Ela disse que estava aliviada de sair da Rússia.

"Não durmo desde 24 de fevereiro", disse Natalia, citando a data do início da invasão. Quando começaram os rumores de que o presidente, Vladimir Putin, poderia decretar

lei marcial, ela fez as malas, pagou US\$ 1.000 (pouco mais de R\$ 5 mil) por uma das últimas passagens disponíveis.

FINLÂNDIA. No norte da Europa, muitos cruzaram a fronteira russa de carro, ônibus ou trem para a Finlândia, onde os russos estão sendo recebidos com flores e cartazes. "Não adianta ficar. Não há futuro para nós", disse Vyacheslav, de 59 anos, que deixou São Petersburgo com a mulher e a filha de 7 anos em um trem de alta velocidade com destino a Helsinque. ● NYT e WP

